HISTÓRIA DE VIDA E IMIGRAÇÃO: AS FORMAS DO PASSADO

Andréa Telo da Corte
PPGH-UFF/Nemic

I

A moldura que enquadra o *boom* atual dos estudos das migrações relaciona-se em grande parte ao duplo contexto de explosão de conflitos étnicos no Ocidente, e de mundialização da economia capitalista, ocorridos nos últimos trinta anos.

Nesse período, o fenômeno do transnacionalismo e das transmigrações tem propiciado diferentes ângulos para historiadores, antropólogos e sociólogos refletirem sobre as novas migrações, e é sobretudo pelo ângulo do estudo das identidades e das negociações culturais entre grupos étnicos que uma nova historiografia sobre o tema tem sido produzida.

No Brasil, recentemente, fenômeno semelhante tem ocorrido, o que se pode verificar com o crescente aumento do número de dissertações e teses doutorais sobre o tema das migrações e das identidades étnicas, e também, pelo lugar que essa problemática vem ocupando na academia. Vale lembrar o título do último Simpósio Nacional de História, realizado em julho de 2007: "História e Multidisciplinaridade: Territórios e Deslocamentos".

Importa dizer que essas teses, grande parte delas constituídas por estudos de caso, dentro e fora do eixo Rio-São Paulo, têm colocado em xeque as interpretações tradicionais sobre o fenômeno da "grande emigração" do período 1880-1930, parte delas oriundas da escola paulista de sociologia dos anos 50, e

proposto novas explicações que ressaltam as diferenças regionais da emigração no Brasil, e as particularidades dos processos de negociação identitários desses grupos, tomando como base o adensamento da pesquisa em arquivos e a diversificação das fontes de consulta e da metodologia aplicadas. Dessa forma uma nova historiografia sobre migrações vem sendo desenvolvida no Brasil.

Essa historiografia, não obstante, alimenta-se das expressivas contribuições da nova história cultural ao campo do conhecimento, notadamente à constituição de uma história do cotidiano, e sua predileção pelo "informal" e "popular",[1] e por uma perspectiva que privilegia "o resgate da luta de classes e do conflito social".[2]

Dessa forma as novas abordagens sobre as migrações repercutem tanto a desconstrução do personagem histórico universal, como o deslocamento do político, da esfera do poder público para o domínio da vida privada.[3] De modo similar, abrem-se à "renovação metodológica e documental" proposta pela história do cotidiano.

Assim, no lugar do imigrante quantificado, despessoalizado e da história homogênea, a proliferação das histórias de vida de imigrantes, a partir da construção de fontes orais e da análise de documentos escritos, iconográficos e até mesmo videográficos, guardados nas gavetas e álbuns dos homens comuns, permite, conforme escreveu Maria Izilda Matos, "a emergência de histórias até então inatingíveis residentes no cotidiano",[4] possibilitando se não o resgate, pelo menos o acesso direto ao emaranhado de relações sociais, ações, negociações, resistências e estratégias de sobrevivência através das quais os grupos étnicos/sociais tecem suas vidas. É nessa perspectiva que se enquadra este trabalho.

Produzido no âmbito do Nemic, o Núcleo de Estudos de Migrações, Identidades e Cidadania, coordenado pela professoras doutoras Gladys Ribeiro e Ismênia de Lima Martins, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, o presente texto constitui-se num dos

---

1 VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 57.

2 Ibidem, p. 56.

3 MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*: história, cidade e trabalho. São Paulo: Educ, 2002. p. 22.

4 Ibidem, p. 32.

primeiros produtos referentes ao projeto "Imigração e História Social: Os Portugueses de Niterói", que objetiva a análise da atuação da elite da colônia portuguesa na capital do antigo estado do Rio de Janeiro, na segunda metade do século 20, através da pesquisa com fontes orais e acervos privados.

No caso específico que apresento, foram privilegiadas as cartas escritas por Adriano de Souza ao filhos, Gentil e Cláudio, entre junho de 1951 e março de 1952, período que encerrou os primeiros passos dos imigrantes na cidade de Niterói e a morte do pai, em Arouca;[5] e a *trajetória de vida*, de Gentil, construída em *depoimento oral*, gravado em agosto de 2007.

II

A correspondência privada, notadamente as cartas íntimas trocadas entre parentes, são repositórios da intimidade, normalmente inalcançáveis para o historiador. Diferentes da memória construída em sessões de depoimentos de história oral, e que define uma visão atual, assentada no tempo presente sobre o passado, a análise de cartas íntimas proporciona ao pesquisador "verdadeiras pesquisas de opinião retrospectivas" [6] por tornar possível a percepção de como certas opiniões, comportamentos políticos e mitos foram gerados, além de conferir maior inteligibilidade às tensões e escolhas que os indivíduos fazem no confronto com circunstâncias particulares da vida social e política das sociedades nas quais se encontram inscritos.

As cartas, como fonte de pesquisa, indiferentes ao paradigma histórico adotado, quer numa visão macrossocial quer numa microanalítica, implicam uma redução da escala de observação, e permitem "reconstituir as percepções originais de como os indivíduos sentiam ou percebiam a realidade" [7] e ainda, indagar "as estruturas invisíveis nas quais os atores sociais se articulam".[8]

---

5 Cartas de Adriano de Souza a Gentil Moreira de Souza. Acervo Particular de Gentil Moreira de Souza

6 HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. In: *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

7 Ibidem, p. 222.

8 Carlo Ginzburg, apud VAINFAS, p. 56.

Fonte de indiscutível valor para o estudo da vida privada, a análise da correspondência íntima possibilita ainda que o historiador "parta de um recorte biográfico para refletir processos sociais e coletivos mais amplos",[9] como no caso da história das migrações, articulando o pequeno enredo às perspectivas microanalítica e macrossocial.

É o que fez recentemente Eulália Lobo no livro *Cartas de Antônio Dias Leite (1850-1952): um olhar sobre uma época de transformação*,[10] em que a famosa historiadora inseriu o tempo curto e frenético dos acontecimentos descritos por seu pai, um imigrante português enriquecido no comércio atacadista do Rio de Janeiro, no contexto amplo de transformações históricas, do final do século 19 à primeira metade do século 20.

Já as histórias de vida, produzidas no âmbito da metodologia oral e relacionadas à chamada "guinada subjetiva" característica da década de 1970, quando da renovação da sociologia da cultura e dos estudos culturais, e da aliança entre a disciplina histórica e a antropológica, criaram novos modos de subjetivação do passado, como a revalorização do uso da primeira pessoa na narrativa histórica e a rememoração da experiência.[11] Resulta daí uma forma particularizada do passado, fortemente marcada pela visão que o tempo presente projeta sobre o pretérito, na qual o relato da experiência reflete, sobretudo, a representação idealizada do que passou, isto é, como o indivíduo acredita que foi sua vida, deixando de lado a mobilidade do vivido.

No caso que apresento, temos, de um lado, as cartas de Adriano de Souza. Trata-se de um conjunto de sete cartas, ora endereçadas exclusivamente ao filho Gentil, ora uma "carta para dois". Essa correspondência, cessada pela morte precoce de Adriano, permite vislumbrar o emaranhado contraditório de sentimentos que envolveu a família após a separação forçada pela emigração.

Do outro lado temos o depoimento de Gentil, motivado por uma demanda particular do próprio depoente, e justificada por uma suposta necessi-

---

9 Suely Gomes Costa, *apud* Lobo, Eulália. *Cartas de Antônio Dias Leite (1850-1952)*: um olhar sobre uma época de transformação. Rio de Janeiro: Ed. Lidador, 2005. p. 7.

10 Lobo, cit.

11 Sarlo, Beatriz. *Tempo passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p.30.

dade de contar a história dos portugueses em Niterói, especialmente da antiga elite portuguesa que dominou o comércio local, entre 1920 e 1960, e da qual ele acredita ser um dos herdeiros.

Se as cartas, redigidas em estilo direto, preservaram o olhar de Adriano sobre a nova condição dos filhos, denunciando a situação contraditória de um pai que, de provedor da família passou a ser provido pelos jovens filhos, o depoimento de Gentil solidificou sua própria visão de si, o "imigrante que deu certo", o *self-made man* que bafejado pelo sucesso, conseguiu abrir os salões da então fechada e tradicional elite portuguesa da cidade.

Vale dizer que ao propor um diálogo entre fontes com perspectivas tão diversas, objetivou-se, no caso da correspondência privada, identificar as tensões e expectativas que de um dos lados do Atlântico informaram a aventura migratória de Gentil, e compreender como no tempo presente, 56 anos depois do fato, o agora importante Gentil Moreira de Souza, do alto dos seus 78 anos, empresário da panificação em Niterói, e sob cujos ombros pesa a responsabilidade pelos salários de 210 empregados, observa e analisa sua trajetória inicial. Vejamos.

III

No relato de Gentil, Adriano surge como "Alfaiate da elite de Arouca",[12] que dividia seu tempo entre alfaiataria, profissão herdada da família, e uma pequena venda que mantinha ao lado da oficina, e onde os sete filhos revezavam-se para atender à clientela. Maestro da banda de São Salvador do Burgo, sua terra natal, iniciou os filhos na música e, diferentemente da maioria dos homens de sua época, nunca quis emigrar, embora o filho, Gentil, tenha descrito em seu depoimento a penúria da região, numa época de baixa circulação monetária e racionamento alimentar que marcou o decurso da Segunda Guerra Mundial em Portugal.

12 Entrevista concedida por Gentil Moreira de Souza, ago. 2007. A fim de facilitar a leitura, as citações, tanto das cartas como da entrevista, serão informadas no corpo do próprio texto. No caso das cartas foi mantida a grafia do autor.

Contrário à emigração, Adriano pretendia que os filhos o sucedessem na banda e na alfaiataria, e chegou a impedir, através de um amigo, que o filho mais velho, Gentil, fosse, na ocasião do serviço militar, enviado para servir na banda militar da Infantaria 6, "considerada a melhor de toda Europa", o que poderia garantir-lhe uma vida razoável, conforme narrativa do depoente.

Gentil, porém, seduzido pelo farto imaginário produzido sobre o Brasil desde o século 19, pela música de Luís Gonzaga que ouvia pela Rádio Nacional de Lisboa, pelo cheiro das goiabas e dos perfumes brasileiros que a família da mãe, toda emigrada, carinhosamente enviava do Brasil, mas sobretudo pelos carros "rabo-de-peixe" nos quais os emigrados desfilavam em férias nas empobrecidas aldeias do norte de Portugal dos anos 50, decidiu emigrar, enriquecer e finalmente ser, no futuro, um deles.

Em 24 de abril de 1951, aos 21 anos, e acompanhado pelo irmão Cláudio, embarcou no vapor *North King*, no porto de Leixões, não sem antes visitar o santuário do Bom Jesus de Matosinhos. No bolso, 120 escudos para devolver ao pai na primeira carta, e uma pequena agenda, que ainda guarda, na qual registrou seus planos iniciais: "escrevi assim, com o 1º dinheiro que eu ganhar vou comprar panelas de alumínio para minha mãe".

Ao chegar foi morar com o irmão na pensão de um tio materno, o tio Delfim, na rua Visconde de Itaboraí, no centro de Niterói. O próprio Delfim arranjou-lhe emprego na loja de um amigo judeu, que também tentava a sorte no Brasil, a Alfaiataria e Joalheria Rio Branco,[13] onde foi trabalhar como contramestre. Nesse lugar, onde ficou apenas um mês, ganhava o salário mínimo, Cr$ 1.200,00, e trabalhava apenas oito horas por dia. Nesse ínterim, Gentil recebeu a primeira carta do pai.

Datada de 14 de junho de 1951, é possivelmente a primeira das sete cartas, escrita como resposta àquela em que os irmãos davam conta da chegada e mandavam os 120 escudos de volta. Nela, o cotidiano da família no Burgo e as notícias da festa de Santo Antônio se misturavam às preocupações com os filhos, e à tentativa de animá-los. Em certo trecho, Adriano deixa claro saber,

13 Sediada à rua Visconde de Rio Branco, também centro de Niterói, e seu patrão era o imigrante Jacó Rabinovich, proveniente da antiga Bessarábia. Em conjunto com os portugueses e sírio-libaneses, os judeus de diferentes regiões da Europa dominavam o comércio do centro de Niterói no período.

por intermédio de um amigo anônimo, do desânimo de Gentil. Diz, "também soube que o Gentil estava desanimado por ganhar pouco, pois é ter paciência pois que devagar se vai ao longe e também seria muita sorte chegar ahi e só ter o trabalho de juntar as notas".

Em outro trecho, na tentativa de ajudar o filho Cláudio, empregado na padaria de outro tio, informa que "na arte em que ele começou está no Rio um nosso patrício que é natural daqui do Burgo e casado com uma irmã do Russo ... Veio do Rio um irmão do Alfredo Nicolau e disse que se fosse preciso alguma coisa para esse que é também da mesma arte era só dizer que lhe escrevia para isso, mas como já disse os tios verão o que melhor será".

O mesmo Adriano que no relato de Gentil parece ser contrário à emigração, aparece na carta aparentemente conformado com a situação, e se exorta os filhos à paciência, como um pai sapiente, demonstra apreensão ao tentar, da aldeia natal, acionar sua rede de relações pessoais para garantir auxílio aos jovens. A suposta conformidade, porém, mostra-se frágil no trecho final da carta, quando espremida entre inúmeras recomendações e lembranças à família, apela de forma contida aos rapazes: "preciso que vós nos dêem notícias precisas do que se vae passando".

No verso da carta, algumas linhas escritas por Alberto Duarte, um amigo de Gentil, surpreende o leitor. Seu teor revela um homem muito mais velho pedindo conselhos a um rapazito de 21 anos:

> eu pedi um pouquinho de espaço para lhe peguntar pela sua saúde e ao mesmo tempo pedindo quando escreva se [?] informar a situação de um imigrante nas minhas condições: se valerá a pena se for como alfaiate, não seria a minha vontade caso eu resolvesse, gostaria mais do comércio. Eu pedi à minha filha quando ela foi, para o marido me mandar a carta de chamada, e agora veio uma comunicação de [?] para eu lhe mandar a certidão de idade e certidão de casamento, mas eu como ainda não tinha o juízo bem formado nessa retirada, peço ao meu amigo se me informa se vale ou não a pena...

Temeroso do caminho a seguir, Alberto Duarte investigava as condições objetivas da realidade que cercavam o imigrante no Brasil. Calculava os riscos e media os passos. Já o nosso depoente narrou sua decisão livre de qualquer angústia: "quando comecei, acho que a falar, já falava isso. Eu dizia, Pai eu quero sair daqui ... Pai, eu não quero ficar aqui, eu quero emigrar porque isto aqui não leva a nada...".

Em outra passagem de seu depoimento, a emigração surge como uma necessidade existencial, única resposta possível às indagações sobre o mundo – aquele que conhecia de Arouca, e o que vislumbrava nos livros da antiga biblioteca familiar. Gentil relembra seus sentimentos à época, com a seguinte narrativa:

> Ou esses livros são mentirosos ou vivo num mundo completamente a parte do resto, meu mundo não é o mundo que existe lá fora... Paris, eu lia muito livro de Paris... Então aqueles romances que eu lia, eu disse, Meu Deus, isto aqui é muito diferente do que está escrito aqui, deve ser diferente. Aqui pra nós, eu era homem, rapazinho, aquela coisa, desculpe dizer, doido por mulher, eu via aqueles romances em Paris, em que fulano de tal tinha uma amante que era corista do teatro, do Lido, do Folie Bergere, da dança do Cancã, depois fui lá ver duas vezes, então eu via aquilo, Meu Deus, seu eu tivesse naquele meio, que coisa de louco achava aquilo fantástico ... então eu dizia, Meu Deus eu tenho que sair daqui, isto aqui não é mundo que se possa viver não.

Portanto a narrativa de Gentil não deixa dúvidas, seu percurso idealizado pelo discurso não conheceu curvas ou bifurcações, a emigração salvou-o da angústia, deu-lhe o mundo.

Insatisfeito com o salário, o rapaz de Arouca foi trabalhar em outra alfaiataria, desta feita, de italianos. Na alfaiataria Moderna, também no centro de Niterói, passou a receber Cr$ 1.500,00 e lá ficou durante quatro meses, de 1º de agosto a 31 de novembro de 1951, quando decidiu abandonar definitivamente o ofício de alfaiate.

Remonta ao mês de julho ou agosto, não foi possível precisar, a primeira remessa de dinheiro que fez para Portugal. Em conjunto com o irmão Cláudio, enviaram Cr$ 1.500,00 que segundo avalia, era um montante alto para os curtos dois meses de estada no Brasil, prova inconteste da dedicação dos filhos aos pais.

De julho a novembro, os irmãos receberam três cartas do pai. Dessas, duas não têm datação. Provavelmente seguem a seguinte seqüência: julho, agosto e setembro. Vejamos.

Na carta que consideramos referente ao mês de julho, é possível perceber Adriano mais uma vez apreensivo com o destino dos filhos. Diligente, desconfia dos excessos de confiança que lê nas cartas enviadas por eles, e tenta mostrar-se presente mesmo quando a distância é fator intransponível: "Queridos filhos,

desejo-vos o melhor bem estar possível... Acuso recebida a tua carta última assim como a do Cláudio de 16/6 *na qual não confessava tristezas*" (grifos meus).

Em outro trecho, Adriano, sábio na desconstrução da palavra escrita, decifra as dificuldades dos primeiros tempos e chama os filhos à ponderação: "Ainda esteve aqui hoje um genro do Severino que perguntou por vós e eu disse-lhe *o que se passava ou o que tu tens mandado dizer* e ele disse que a arte de alfaiate era melhor no Rio do que em Niterói, mas isto que digo nada vale, pois tu melhor podes ver isso. Por esta razão tu vai-te orientando" (grifos meus).

Zeloso e solidário, Adriano também apontava as contradições do discurso, pelo menos é o que se pode ler em trecho dirigido ao filho Gentil, que diz: "Acho certa graça por tu dizeres na tua carta, o seguinte: "coragem com a música", Pois quando cá estavas, estavas sempre a dizer que era acabar com "isto" e agora de tão longe estas a incutir ânimo".

Sabemos pela narrativa de Gentil que o pai queria-o sucessor na banda, e desde menino este o acompanhava nas festas, onde tocava clarinete, flauta e violino, e arriscava-se como cantor. No Brasil, posteriormente, foi convidado a tocar na Banda Luzitânia e estimulado a integrar-se à orquestra da Rádio Nacional, em troca de um emprego no Banco Novo Mundo, que recusou. De acordo com seu depoimento, só existe um motivo para tanta convicção: "Não quero, não quero ser músico, não me interessa. Porque já estava enjoado, desde menino, desde os sete anos envolvido em música, eu enjoei daquilo. [E a razão principal era seu projeto de ganhar dinheiro?] Era, isso era claro. Eu não vim aqui para outra coisa".

Adriano, portanto, sem tencionar fazer isso, acabou por sinalizar como as coisas banais do cotidiano podem transformar-se em simulacros de lugares de memória,[14] no sentido de conter, em si, restos de história. Assim, a música e a banda, fatores de conflito entre pai e filho, passaram a simbolizar o tempo vivido no Burgo, e tornado memória pela narrativa do depoente.

As 27 linhas que compõem a carta e reconstituem o universo da família encerram-se com uma advertência séria. Diz o pai: "Soube hoje que a cereja também vai para ahi – cuidado".

---

14 NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo: PUC-SP.

A "Cereja", revelou-nos Gentil, era uma antiga namorada, com quem freqüentava o cinema nas noites de sábado em Arouca. Bonita, provocava admiração dos rapazes, e era mal vista por Adriano, que antipatizava com a família da moça.

Gentil acredita que a "Cereja" tenha embarcado para encontrá-lo, e, quando da sua chegada, conta ter ido recebê-la no porto, onde prontamente lhe disse ter nova namorada. Pombalina, nome de batismo da moça, seguiu para São Paulo, onde fez a vida como cantora de fado e depois casou-se "bem". Hoje, afirma o depoente, vive recolhida em Santos, onde se recusa a receber visitas, talvez pela implacabilidade do tempo...

Na carta seguinte, datada de 15 de agosto, à letra miúda de Adriano contrapõe-se uma frase em negrito e letras garrafais, logo a seguir às saudações iniciais, "E MUITO JUÍZO". Não foi possível decifrar o porquê da recomendação, se um pito no filho que mudou de emprego, abruptamente, ou por causa da "Cereja". Em que pese isto, o texto caracteriza-se pela alegria, e os filhos são transformados em heróis: "já recebi o cheque de Cr$ 1.500,00 para ir levantar o dinheiro. Deus vos abençoe e vos dê sempre saúde e felicidade e que vos dê sempre orientação na vida para trilhardes um caminho seguro e que sejaes a honra de toda a família como até aqui tem sido".

Em seu depoimento, Gentil não detalhou como os irmãos conseguiram em menos de dois meses enviar quantia tão expressiva. Sua vida era reclusa e pouco divertida, afirmou, gastava apenas com o aluguel do quarto e a comida, o resto guardava. No entanto, não há em sua narrativa espaço para um discurso de privação e poupança,[15] apenas de vontade, empenho. Estava determinado a ganhar dinheiro, e não descumprir os compromissos morais e afetivos com o pai.

Sobre a mudança de emprego, Adriano, menos apreensivo desta vez, o que pode traduzir uma confiança maior nos filhos, ou a emoção do dinheiro recebido, alerta que: "pois quando foi a festa da Senhora da Guia, o Martins disse que a arte d'ele ahi dava muito dinheiro mas vós ides vendo como melhor deveis fazer, mas sendo assim sempre cuidado pois às vezes julgasse melhorar a situação e é ao contrário".

---

15 Refiro-me ao mito da ascensão social pelo trabalho árduo e privação sistemática presente no discurso do imigrante. Cf. MARTINS, José de Souza. *O cativeiro da terra*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 145.

Finalmente, em outra carta sem data, provavelmente de setembro ou outubro, quase um bilhete, Adriano aparece mergulhado em suas próprias tribulações. Revela a preocupação com a inadimplência e o mau-caratismo do inquilino, a quem chama de "Bruto", e narra aos filhos: "Já fui falar hontem com o dr. Brito Câmara, para se dar andamento a ver se o Bruto sái daqui, porque está em débito já para o dia 10 d'este, de cinco meses, mas disse o doutor que se ele depositar em triplo a renda em atrazo, que não sai".

Tomado por essas preocupações, Adriano parece querer atualizar os filhos da sua antiga realidade. Assim como nessa carta, em todas as outras o cotidiano do Burgo extrapola as linhas para engendrar-se no presente dos filhos, a impedir, de um lado, a ruptura de vínculos, e de outro, estreitar os laços entre eles. Nesse sentido, a carta cumpre a função de transplantar para a sociedade de acolhimento o espaço vivido e perdido do Burgo.

Durante quatro meses Gentil permaneceu na alfaiataria Moderna. Mudou-se da pensão do tio Delfim para um quarto nos fundos da padaria de outro tio, Afonso. O irmão Cláudio foi trabalhar no Rio. As horas de folga eram passadas com a família e o velho hábito do cinema.

Em 31 de novembro daquele ano, narrou o depoente, decidido a não mais ser alfaiate, pediu as contas e deixou o trabalho. Almejando uma oportunidade foi procurar um patrício, o Comendador Elísio Soares, um rico e influente português, estabelecido há décadas na cidade de Niterói. No dia seguinte, 1º de dezembro, foi trabalhar atrás dos balcões da Confeitaria Sorriso,[16] de Elísio. Lá ganhava menos que na alfaiataria, trabalhava 12 a 14 horas por dia e quase nunca tinha folgas. Mesmo assim, afirmou, estava feliz por abandonar as linhas e a tesoura.

Em 27 de dezembro, Gentil recebeu outra carta do pai. Nela, surpreendentemente, não há menção ao tempo natalino, ou à repercussão da atuação da banda nas festas da época; pelo contrário, revestida de preocupações, gotejam das letras, conselhos e advertências. Adriano externa aos filhos toda a sua apreensão com o que se vai passando, e em especial, condena os arroubos de juventude de Gentil:

16 Situada à rua da Conceição, centro de Niterói. Não há dúvida que a trajetória de Gentil percorre as ruas e vielas do centro da cidade, alcançando, até mesmo, a evolução urbana e os novos usos dessa região ao longo dos últimos 56 anos.

> Vocês é que precisais de ponderar muito, não querer avançar sem alicerce, tendes inteligência bastante para vos orientardes para a luta mas não se deve resolver os assuntos sem primeiro os ponderar bastante, porque tu Gentil algumas vezes disseste que as coisas se queriam resolvidas de pronto e não empatar, mas eu que apesar dos anos de experiência (e apesar de ser dos acanhados de outrora como tu dizias) não penso assim..., porque eu só desejo o melhor estar a todos e que a vossa luta seja para vossa honra e da família.

O texto é claro, e denota certo aborrecimento com os filhos. Adriano parecer ressentir-se de não ter sido consultado sobre decisão tão importante. Por isso, o convite à ponderação: a medir cada passo a ser dado.

A advertência dirigida a Gentil, além de expor os tradicionais conflitos de geração, que medeiam as relações entre pais e filhos, foi acrescida de nota dramática, quando fala no seu desejo de bem-estar e na honra da família, como a lembrá-lo de que é preciso conter os impulsos para semear o bom futuro, e neste caso, o futuro familiar.

Em outro trecho da carta, Adriano "endurece o jogo com o rapaz" e, assumindo tom profético, vaticina:

> Ainda hontem o Dr. Rebelo me perguntou por vós ... Fez-me uma observação e disse para te lembrar (Gentil) que essas terras são muito boas para se ganhar a vida assim como a morte em pouco tempo, e disse que é preciso muito juízo, e é isso que eu todos os dias penso a vosso respeito, pois é preciso que um rapaz não se estrague, nem para o corpo nem para a alma, e é preciso saber onde mete os pés para não sair com eles enxarcados. *O nosso maior desejo é saber que sois eróis* [*sic*] *em tudo.* (grifos meus)

É possível que o vaticínio não esteja relacionado à mudança de ofício, podendo refletir outro tema não mencionado pelo depoente, em todo caso expressa mais uma vez os receios do pai para com a voracidade com que o filho mais velho entregava-se à vida, e escapava ao seu controle. Ante um mal maior, diz exatamente o que espera do filho, o destino de herói familiar.

Essa carta, até certo ponto dramática, encerrou-se com um "delicioso" pós-escrito. Em terríveis garranchos, o amigo Carlos, hoje advogado aposentado em Lisboa, cumprimenta Gentil, agradece as cartas, reclama da letra e "dispara": "tens gozado muito? Está na época de gozar. Tens ido aos cabarés? Tem cuidado, pois podem te enrolar...".

Se Adriano preocupava-se em lembrá-lo dos compromissos implícitos ao projeto emigratório, as perguntas de Carlos certamente devolveram a alegria e o sabor doce da juventude a Gentil, e permitem-nos entrever que, coladas à representação do Brasil como eldorado, outras imagens de sensualidade e prazer também seduziam o emigrante.

O trabalho na Confeitaria Sorriso durou pouco, apenas dois meses. Em 31 de janeiro de 1952, Gentil novamente pediu as contas. Quis aumento, o comendador não deu, partiu para nova empreitada. Foi ser vendedor pracista numa firma importante do Rio de Janeiro, a Fonseca Araujo Importadores Ltda., propriedade de portugueses. No novo emprego, em que se manteve pelos cinco anos seguintes, até 1957, seu salário triplicou, dos módicos Cr$ 1.200,00, na confeitaria, para Cr$ 3.500,00. Nesse ínterim, contou-nos que completou os estudos, casou-se, foi pai e voltou a Portugal. O pai nada viu, a morte levou-o antes.

Em 1952, as duas últimas cartas, uma datada de 30 de janeiro, portanto um dia antes de Gentil pedir demissão da Confeitaria Sorriso.

A mudança de alfaiate para padeiro ainda repercute, mas o tom é de conformação: "tu mudaste de profissão, oxalá que seja para melhor, pois qualquer profissão é boa desde que a sorte proteja".

Em trecho dirigido exclusivamente ao filho Cláudio, continua a desconfiar das notícias que recebe: "Claúdio ... sou a dizer-te que as tuas notícias se saírem verdadeiras é caso para admirar ... mas como sempre se diz a sorte vem sempre da mão de Deus. Vós tendo saúde e sabendo conduzir-se com educação e com atenção sempre no cumprimento dos vossos deveres podem arranjar um bom futuro".

Nessa carta, as cenas miseráveis do cotidiano do Burgo, descritas por Adriano, impressionam o leitor, e certamente avivaram nos rapazes alguns dos motivos pelos quais abandonaram a terra natal.

Há certo tom de desânimo no texto. A narrativa de Adriano cumpre aquilo que a intuição descobre: estava doente, um câncer no fígado roía-o por dentro. Precisava operar-se.

Do Brasil, Gentil e Adriano, avisados pelos irmãos, enviaram os Cr$ 8.000,00 necessários para a cirurgia. Quantia assombrosa para os dois jovens que pouco antes haviam remetido outros Cr$ 1.500,00.

Conforme relatou Gentil, dos Cr$ 8.000,00, três mil foram raspados das economias dos rapazes, e os Cr$ 5.000,00 restantes foram obtidos em empréstimo bancário.

Na ocasião, Gentil informa ter recorrido aos favores de Ilídio Soares, filho do antigo patrão, o Comendador Elísio, para levantar os valores. Soares conduziu-o ao banco dos Costa Monteiro, família de elevado prestígio na "poderosa" elite portuguesa da cidade, e avalizou a operação financeira.

De acordo como depoente, naquele tempo de crédito difícil, ser "português" era o bastante para garantir empréstimo, e explica:

> se chegar lá um português no banco, dono de quitanda, de armazém, do restaurante, do boteco, seja lá o que for, e disser assim, Olhe eu preciso de Cr$ 5.000,00, Sim senhor, pois não seu Manuel, pode assinar aqui, Tinha crédito. Chega outro, que não é um português daqueles, mas é todo fino, todo elegante, seja brasileiro ou não ... eles dizem assim, O sr. traga o atestado tal, a fiança de fulano, traz mais isso de fulano, e ao português de tamanco ele (o banco) não pede.

Assim, ao lançar mão de um argumento que expressa os estereótipos e preconceitos nos quais viviam mergulhados os portugueses da cidade, Gentil reproduz em seu discurso presente a idealização do português como o *imigrante perfeito*, trabalhador, honesto, bom pagador, merecedor de crédito, em contraposição aos nacionais e demais grupos estrangeiros que disputavam o mercado de trabalho no período.

Gentil não soube precisar o tempo decorrido entre a notícia da doença e a remessa do dinheiro. A última carta, datada de 28 de março (1952), não dá conta do fato. Sabe, porém, que nem sequer foi utilizado, não houve tempo para tal.

Não obstante, soube pelos irmãos que Adriano, em sua alcova de doente, exibia aos amigos que o visitavam a ordem bancária qual um troféu.

A última carta, porém, mostra um Adriano deprimido. Consciente, diz o que se passava com ele: "Nós aqui vamos andando aos trombolhões, tua mãe vai na mesma e todos os outros vão regular, menos eu, pois já são passados três meses que vou muito mal de saúde, estou já farto de gastar dinheiro e não vejo melhoras, terei de ir tirar uma radiografia, porque a doença é de fígado e estomago. Não me apetece comer e já minguei 15 centímetros na cinta".

Novamente o cotidiano triste do burgo e a incessante "crise do trabalho" são assuntos de Adriano, desta feita porém, numa descrição monótona, de um indivíduo que parece saber que a vida, a sua e a da cidade, fora duramente abalada, e emenda com a narrativa das novas migrações: "Estão também para ir para o Brasil o Carlos Adoufo [*sic*] e a mulher, o Alberto de Romariz e a filha e mais e mais, tudo quer ser rico".

A censura que acompanha a descrição logo se transforma em advertência ao comportamento impulsivo do filho Gentil, e avisa: "Não sei se a Cerejeira já embarcou, mas ela também vai, ou foi, mas eu ainda duvido que ela vá por ahi fazer perder a cabeça ao Gentil. Caso assim seja, ele que tenha juízo, porque as mulheres quando são doidas o que querem é fazer perder a cabeça a quem tem juízo".

Finalmente, Adriano encerra a carta, recomendando por uma última vez que tenham "cuidado, muito cuidado", e despede-se proferindo a seguinte frase: "Se Deus me der ainda algum tempo de vida, não queria enquanto vivo que me déssem desgostos".

É impossível avaliar o peso dessa frase na vida dos filhos de Adriano. A julgar pelo depoimento de Gentil, ele manteve os compromissos "morais" e afetivos com o pai, casou-se com moça de boa família, formou os filhos, alcançou fortuna, e muito além do que se poderia esperar do antigo alfaiate, demoliu as barreiras da fechada elite portuguesa da cidade de Niterói, tornando-se no presente um dos seus últimos representantes. Na atualidade, considera-se um homem realizado.

IV

Ora, sucede que na comparação entre fontes com perspectivas temporais diversas e que envolvem sujeitos distintos, o fenômeno estudado, no caso a emigração, tende a emergir crivado por um conjunto maior de ambigüidades e conflitos, do que têm, quando as mesmas fontes são analisadas separadamente. Quando o presente fala do passado, além do elemento da representação da experiência existe o julgamento, a certeza. Quando uma fonte de opinião fala sobre seu tempo, o que existe se não é a incerteza, é a multiplicidade de sentidos, valores e sujeitos que adentram a reflexão.

Vimos que no relato de Gentil a emigração surge como uma aventura individual, não há temor, é o que tem que ser feito. Seu "olhar" sobre o passado é linear, não há angústia ou indagações a serem feitas. Veio para ganhar dinheiro, venceu. No mundo que criou para si não há lugar para os derrotados. Veste a manta do herói que o pai desejou outorgar-lhe e pronto. A emigração é certeza.

No discurso de Adriano, a emigração é dor, conflito. Expressa a perda de controle sobre os filhos, e sobretudo um risco a ser muito bem calculado. Reflete, também, a desarticulação do espaço vivido e amado do Burgo.

O cruzamento das fontes, portanto, ao recuperar a historicidade dos sujeitos e articular o microanalítico com o macrossocial, contribui para a descoberta das múltiplas configurações identitárias que o imigrante comporta em si, e a duplicidade da sua condição. Resulta disso a visão de uma nova forma de passado, e o concurso para o desenvolvimento de uma história social da e/imigração.